



O menino José Maria Zorres da Costa, filho do negociante bracarense snr. Manuel José Vieira da Costa, no dia da sua primeira communhão

(Phot. Belleza)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000

Numero avulso, 60 reis

Bordados
Suissos



directamente da Suissa,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa colleção contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suizo.

Esta colleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e crianças em Gambraia, Veo, Crêpe, U-gandie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa colleção das ultimas novidades em sedas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Charmeuse, Gabardine, Eolienne, Falia, Cotele, Veo, etc., cambraia, suissa 120 cm de largura desde frs. 2,50 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta colleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, 82
(Suissa).

Grãa Suissa — Mercadorias Suissas.



Lizos Imprensos Escoses
Tafetê
Crepe
Charmeuse
Gabardine
Eolienne
Falia
Cotele
Veo
etc.

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133--BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.^a

ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

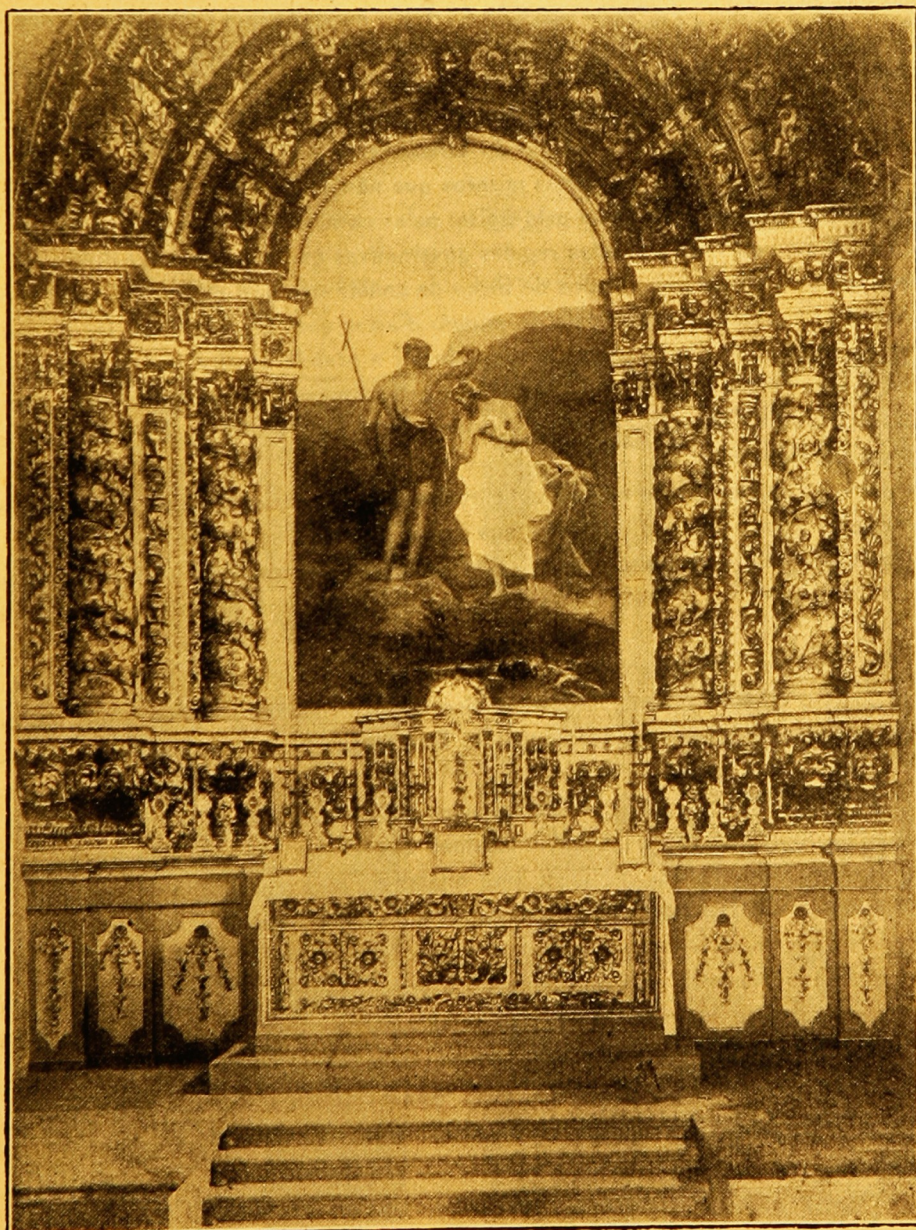
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de Abril de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 199—Anno IV



FIGUEIRÓ DOS VINHOS—O altar-mór da igreja matriz

(Phot. Correia & Moreira—Porto.)

(Quadro do illustre pintor Malhõa).

CHRONICA DA SEMANA

“Es verdad? . . . ,”



O seu refugio do Douro um amigo escreve-me alarmado:

“A Primavera, tão celebrada pelos poetas da Arcadia, uns bisbórias que apenas conheciam o mundo pelos classicos latinos, touca-se de neves nos campos e nos montes que rodeiam a minha terra. Que megéra! Mande os poetas seus conhecidos para aqui, com as lyras engatilhadas e bonzinhos lenços d'Alcobaça para os defluxos respectivos!..”

De facto a Primavera surge-nos absolutamente descomposta e só ha explical-o pela hypothese aventada n'uma gazeta humoristica da capital: “ás horas que aos dias se teem tirado, devemos andar agora ahi por meados de fevereiro . . .”

Hontem mostraram-me n'um jardim de traçado inglez uns canteiros de rosas. A geada d'estas noites d'abril — d'aquelle abril de fragantes manhãs cheias de luz — deu-lhes um ar mais theatral é mais enfasiado; e percebi mais aborrido o coração amarello dos lirios . . . As maldades do tempo!

Eu supponho o rigoroso inverno que ainda soffrem lá fóra, na Bretanha, os nossos saudosos soldados, e a flamancia que deitaria nas *calles* madrilenas ou nos *boulevards* parisienses, o mysterioso casaco de pelles do dr. Affonso Costa em cujos bolsos devem guardar-se dos publicos olhos segredos curiosissimos — o da *harmonia iberica* por exemplo, essa toada festiva que Lorenzo anda cantando, em curvas de sereia enganadora, nas paginas do *Imparcial*. Raphael Bordallo, que não deixou descendentes legitimos na graça e na arte subtilima de rir, cortaria o problema reeditando a velha pagina do *Zé Povo* bailando o *salero* para afirmar que de Hespanha nada quer com os homens. Mas o certo é que a campanha de D. Felix só produziu no paiz pensante um movimento retrahido de suspeição, e que não se vendo sahida plausivel á manifestação sentimentalista — *vien cá, hermano mio!* — d'uma ponta á outra do paiz se repetiu: — elles que querem?

Sabem-no os sacerdotes magnos do Palacio do Oriente e, segundo o velho republicano da *Tribuna livre*, o grão-mestre do Paço de Belem. Nós, os párias miseros que não desedentamos nunca a nossa legitima ancia de contribuintes por saber coisas que nos focam pela bolsa, pelas carnes, ou pela alma, temos de continuar ignorando a razão do *volta-face* operado nas altas regiões governativas que desde o 5 d'outubro até hoje perante a Hespanha haviam mantido em amúo hermetico de bicho de conta, mas que agora, acceitam dengosamente, debruçadas sobre o muro da fronteira, a proposta do *minuto d'amor* que Tenorio lhes faz da outra banda, e ao fim do qual, como na lenda, que Zorilla cantou, pode sobrevir a grande asneira que faz a desgraça das nações emparvecidas, como a das donzellas ingenuas estonteadas pelos amavios do seductor-diabo que alardeia satisfeito ao depois o seu triumpho, batendo com o pé caprino o compasso frenetico das gargalhadas . . . Leiam os homens publicos ou moralistas!

Eu não sei bem, ao certo, se hoje as classes letradas portuguezas adoram ou respeitam a Inglaterra como no tempo em que os republicanos a odiavam nos revoltados anathemas do *Finis Patriæ*, nas conclusões de Oliveira Martins ou nos sons do hymno de Keil. Um dos effeitos da revolução foi mudar o preto em branco e o branco em preto, e é possivel — tudo é possivel! — que os anglophilos de hontem sejam os anglophobos de hoje e vice-versa.

O que sei é que a ideia d'uma *marcha para léste*, nos intercambios economicos e diplomaticos, se offerece a muita gente como a reparação d'um erro de politica dynastica. Recordo ainda o que me disse n'uma tarde de verão, deambulando na esplanada grandiosa do Bom Jesus, ha poucos annos, um antigo secretario de legação:

—Repara bem: nós vivemos com D. Carlos uma hora de grande respeito na Europa, não ha duvida Mas o que era a politica do Rei senão o banquete faustoso e opiparo dado pelo fidalgo cheio de dividas, com os ultimos contos do cofre, aos minazes crédores, para dilatar o praso das penhoras? . . .

Este frio scepticismo analysta domina hoje uma grande parcella da população culta lusitana seduzida pela visão d'uma amizade forte com a Hespanha, á sombra complacente da Inglaterra, — até ver, dizem alguns.

D. Felix porém, manobrou mal, porque levantando a grave suspeita de que a Hespanha afinal, com doces fallas, nos quer deixar cahir no seu papo, de que na *entente* não ha reciprocidade de vantagens, aos proprios que lhe querem bem, mas salvaguardam a autonomia patria, desgostou . . .

A Hespanha faz o *seu joggo*, e no seu justo direito. Mas d'esta sorte, cumpre que vigiemos mais de perto o zelo hispanóphilo de Lisboa do que a malicia do ministerio d'Estado na cidade *del oso y del madroño!* . . .

F. V.

FACTOS



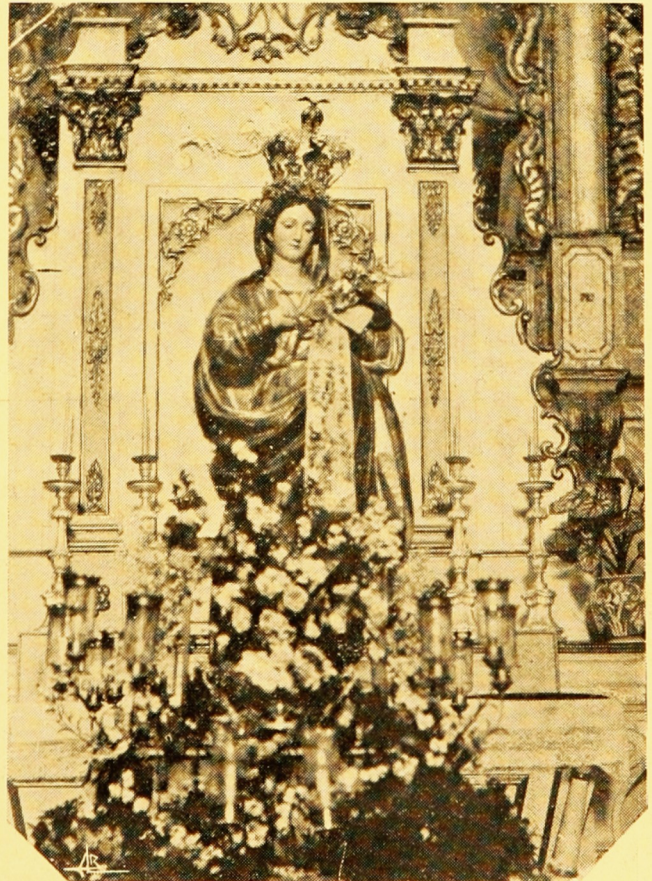
Dr. João Penha, o illustre poeta parnasiano, um dos mais mimosos e brilhantes versejadores contemporaneos



A casa onde reside o illustre poeta snr. dr. João Penha, no Campo do Conde de Agrolongo em Braga



VILLA REAL DE SANTO ANTONIO—Um aspecto da procissão de Nossa Senhora da Encarnação



A imagem de Nossa Senhora da Encarnação, no seu altar na igreja parochial

PRIMEIRA COMMUNHÃO

o o o o o



O menino João Torres da Costa, com seus paes, familia e convidados

No dia 25 de março, dia da festa da Anunciação da Virgem Santissima, realizou-se no santuario do Sameiro a tocante solemnidade da Primeira Communhão do galante menino João Maria Torres da Costa, filho extremoso do nosso presado amigo e bem-quisto industrial, da rua de

S. Marcos, sr. Manuel José Vieira da Costa.

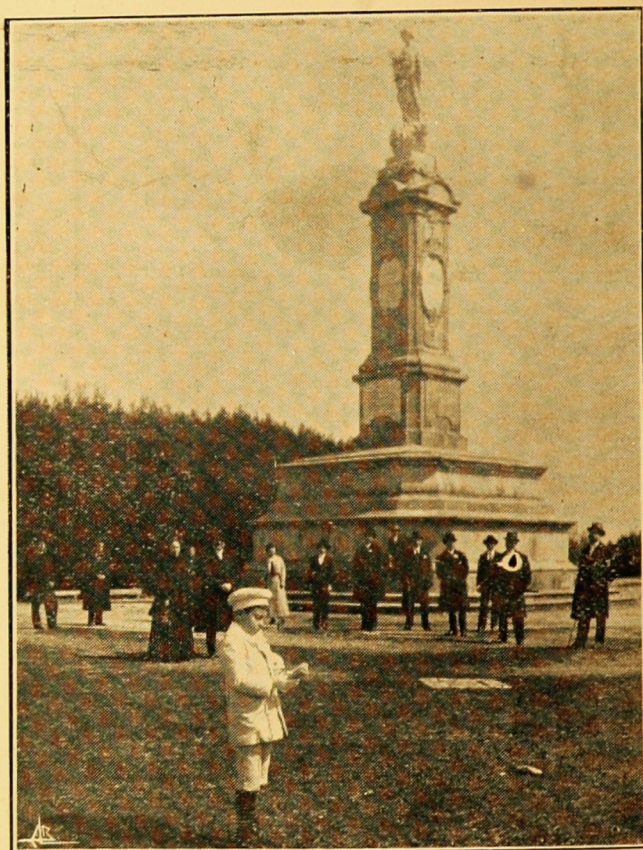
O acto revestiu muita imponencia e a todas as pessoas assistentes commoveu até ao fundo d'alma, principalmente por ocasião das palavras proferidas pelo rev. Arnaldo Lamas, n'uma formosa allocução.

S. rev.^a foi tambem quem celebrou a Missa e ministrou ao neo-commungante o Pão dos Anjos, que elle recebeu enleadamente, cheio de jubilo e recato, acompanhando-o tambem n'esse procedimento a familia e os convidados.

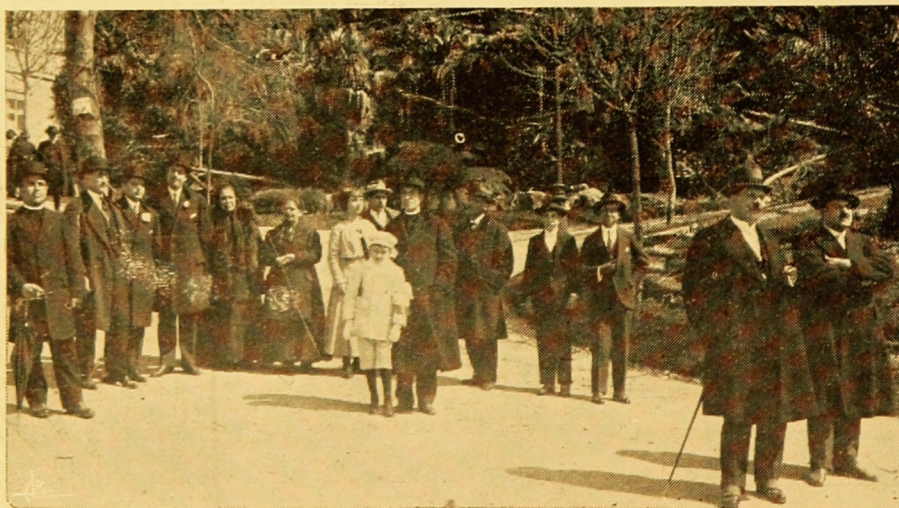
Apoz a Missa foi exposto o Santissimo Sacramento á porta do Tabernaculo, e depois de cantado o «Tantum-Ergo», foi dada a benção do SS.

Terminada esta festa, um grupo de senhoras que se encontravam no centro da capella irromperam n'um cantico celestial á Virgem, que impressionou todos os circunstantes.

Por ultimo o sr. Costa e sua ex.^{ma} esposa foram muito cumprimentados, bem como o seu filho.



Em piedosa meditação deante da Virgem do Sameiro

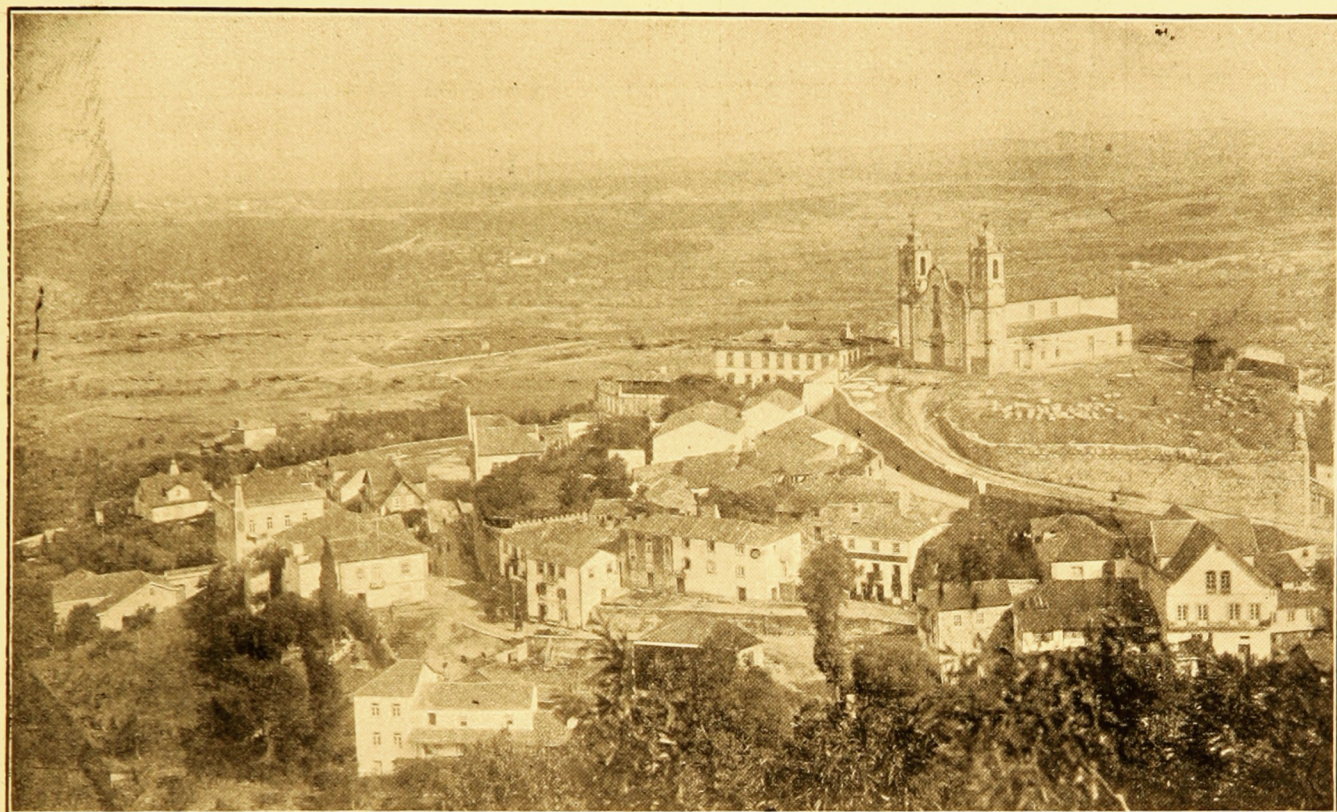


Na matta do Bom Jesus

Felicitamo-lo e a seu bom Pae, o nosso amigo sr. Manuel Costa, saudando tambem mui respeitosa e carinhosa esposa d'este cavalheiro, que bondosamente, e com um carinho só proprio de Mãe que possui no coração um verdadeiro escriptorio de preciosas virtudes, sabe dar ao extremoso filhinho a mais salutar e benefica educação christã.

(Phot. Belleza).

Povoações de Portugal



Uma vista de Ceia



Vista geral de Loriga

(Phot. Correia & Moreira—P. rto).

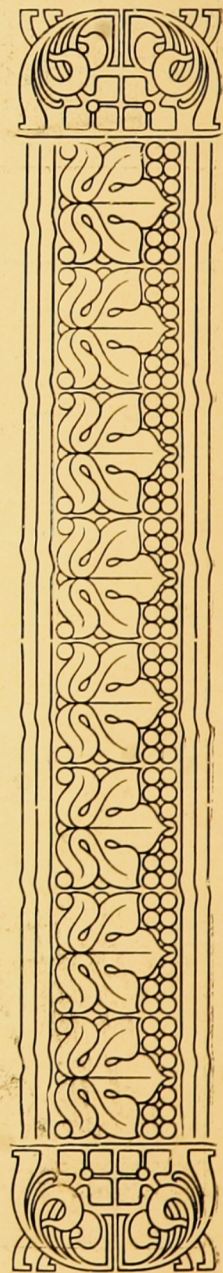
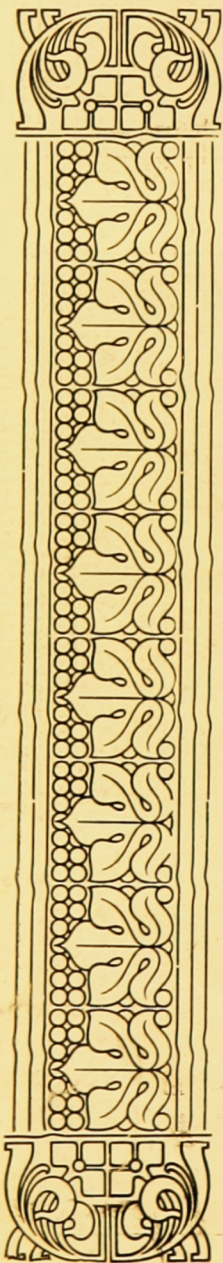


RIBEIRINHA—O snr. Alfredo Lopes Correia e algumas
pessoas amigas, apoz a festa religiosa

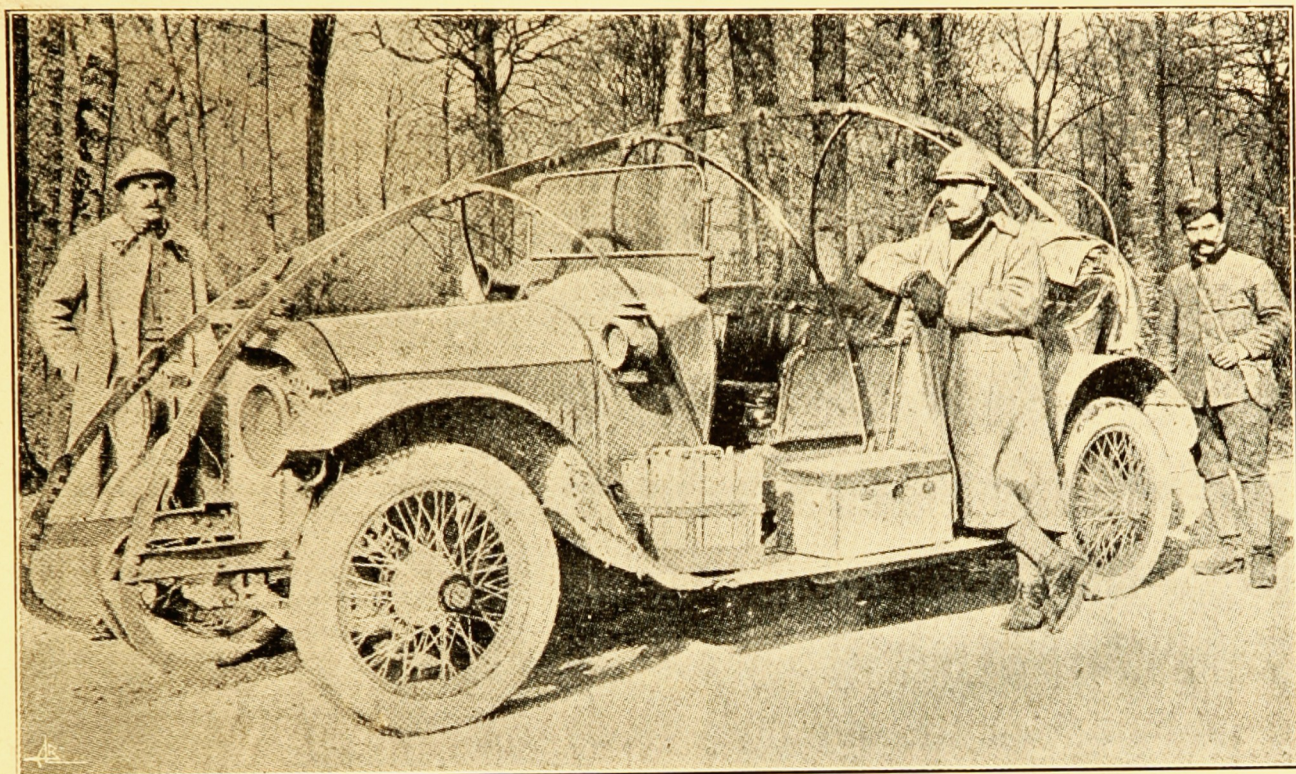


RIBEIRINHA—O snr. Alliedo Lopes Correia, familia
e os convidados, depois da festa por elle promovida
na Ermida de Nossa Senhora Dolorosa -

BRAGA ANTIGA



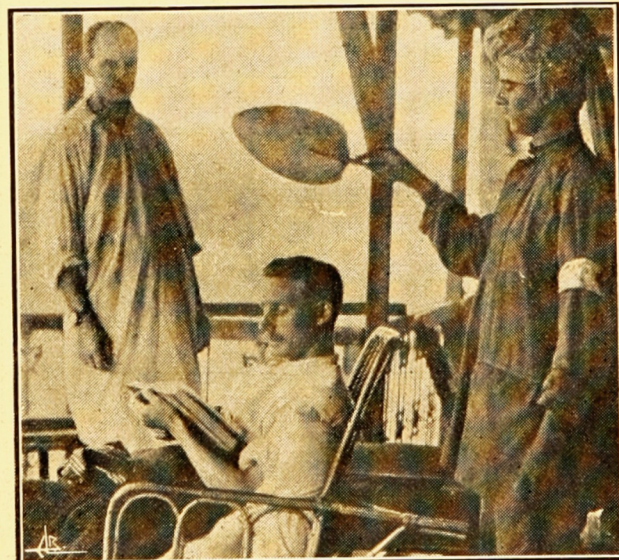
Na rua de S. Marcos - Casa de "crivos."



Um automovel utilizado pelos francezes para evitar o perigo dos arames, que os allemães collocam nas estradas militares, para impedirem o tranzilo

LIVROS NOVOS

O Paraizo Resgatado, pelo Ab. José Castro.—É um livro de sã poesia, porque o seu auctor, conhecido já por excellentes trabalhos, bebe a inspiração no manancial riquissimo das ideias religiosas. Tem estrophes verdadeiramente soberbas, modelarmente cinzeladas nos classicos moldes da poesia epica. E desde a primeira á ullima oitava respiram convicção e qualidades poeticas, como é raro, na presente quadra encontrar por ahi. Faz a historia do mundo: a queda do Eden, onde a prevaricação dos protoparentes fez decahir a natureza humana, até á redempção conquistada no calvario por Jesus, até á glorificação final. É, pois, um poema altamente christão, que muito nos apraz recommendar, felicitando de passo o seu auctor pela forma feliz como se houve. Não aspiram estas linhas a ser mais do que uma desataviada recensão: entretanto ficar nos-ia mal não exprimir o desejo de que se multipliquem poemas como este, que fazem um grande bem social, porque elevam a alma. Oxalá o auctor prosiga enriquecendo a estante portugueza com versos que sendo burilados como estes, tem melhor



NO EGIPTO—Um dos requisitos mais interessantes dos feridos inglezes; um leque agitado por um servo do hospital

qualidade ainda no espirito que os informa e anima.—R. C.

Recebemos tambem e muito agradecemos: *Relatorio da Casa Escola Portugueza*, denotando progressos n'esta instituição,

Relatorio e Contas da Direção e pareceres do conselho fiscal do Montepio Nacional e Caixa Economica.—Accusa um bem-estar invejavel, e faz prever maiores progredimentos.

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XIV.—Mosaicos—(technica)

Com o triumpho da Igreja, com a paz Constantiniana, tomou incremento, se é que não renasceu a arte dos mosaicos. Foram elles empregados abundantemente no adorno interno das basilicas, alcançando proporções, grandiosidade e riqueza como nunca d'antes havia tido. Com effeito o mosaico ou *opus musivum*, já conhecido dos gregos e bastante empregado pelos romanos, quer na sua forma de *tusellatum* (quando os fragmentos eram quadrados), quer *vermiculatum* (quando aquelles se adaptavam às curvas das figuras), quer na de *sectila* que se limitava a figurar a ornamentação vegetal; quer na de *alexandrinum* ou representativo de desenhos geometricos, nenhum d'estes mosaicos alcançou a perfeição, ou imitou a technica do mosaico christão. A differença fundamental está nos materiaes empregados. Os antigos usavam cubos de marmore e pedras coloridas ou fragmentos de vidros, os artistas christãos empregaram cubos de esmalte cuidadosamente fundido com as côres e cambiantes desejados, inclusivamente a doiração. D'est'arte o mosaico entrou no dominio da pintura, e em especial da grande pintura monumental. A abside inteira era occupada por um só mosaico, toda a superficie da cupula era armada de outro, as duas paredes da nave central apresentavam algumas vezes cada qual um quadro unico, geralmente uma theoria ou serie de Santos caminhando para a figura representada no arco triumphal. Voltaremos a fallar d'essas figuras e quadros quando tratarmos da ornamentação interna das basilicas romanas e byzantinas.



Vitral da Cathedral de Colonia

pequenas dimensões. O cartão é usado nas obras que se desejam verdadeiramente apuradas. Depois de pintado o cartão com as côres que deve ter o mosaico, corta-se em varios pedaços que serão executados por artistas diversos. Na reproducção de quadros de pinturas segue-se outro processo.

3) Esta Execução no primeiro methodo não tem difficuldade. No segundo o operario vae collando sobre o cartão os respectivos esmaltes, escolhendo os cambiantes proprios do desenho; depois une-os com uma camada de cimento. Acabado este trabalho transportam-se os varios pedaços e collam-se na superficie da parede; por meio de lavagens successivas tira-se o papel.

Quando se querem reproduzir quadros de auctores, como se vê na Igreja de S. Pedro, (Transfiguração de Christo, *Raphael*, Comunhão de S. Jeronymo, *Domenichino*, etc.) então o trabalho é demoradissimo. Sobre uma camada de gesso reproduz-se o quadro. Depois de estar bem secca, com o escalpello vae-se excavando o gesso e substituindo cimento onde se fixam os fios de esmalte. No fim pule-se a superficie até lhe dar as apparencias de pintura a oleo. E é tão grande essa illusão que só depois de se virem as juntas dos cubos (o que exige uma reflexão determinada da luz) é que se acredita que o quadro não é pintado.

AGNUS.

Villa Viçosa antiga

Egreja de N. Senhora da Lapa

CONCLUIDA a Capella provisória, em 1756, o capellão da Capella Real D. João Ferreira da Silva, Bispo titular de Tanger, por delegação do Prelado Reborense, poz solemnemente a primeira pedra da actual Egreja na qual se dispendeu muito dinheiro.

Os referidos Padres Angelo Sequeira e Francisco Martins ali gastaram bastante dinheiro, alem tambem de muitas outras esmolas avultadas dos habitantes de Villa Viçosa e Borba, e de muitos romeiros (1) que vinham de longe agradecer á Virgem várias graças e favores recebidos.

Apesar das muitas difficuldades pecuniárias com que luctaram a principio os iniciadores da construção d'esta Egreja, a devoção a esta Virgem, expandindo-se, dentro em pouco, venceu-as.

E tanta foi essa devoção que a maior parte das familias nobres da villa de Borba tais como os *Cardosos*, os *Silveiras*, os *Misurados* e muitos outros, vinham frequentes vezes visita La offeritando Lhe dádivas valiosas e materiais de construção, entoando ao mesmo tempo, cheios de fé lindas jaculatórias em verso como esta:

*Bem dita e louvada seja
A Virgem mãe da Lapa
Que dos perigos nos defende
E do mal nos aparta.*



Senhora Aparecida

Estes donativos e esmolas continuavam ainda por muito tempo, mas escasseavam passados tempos e por tal motivo se gastaram 30 annos em concluir êste bello e elegante templo. Manuel Diogo da Silveira, (2) de Villa Viçosa, primeiro d'este nome offerecera parte do terreno para esta construção que era um seu ferregial onde se construíram umas bonitas casas de habitação espaçosas com uma elegante varanda em arcaria de mármore destinadas a servirem de pousada ao romeiros, as quais hoje estão alugadas por conta da Irmandade a particulares.

A Camara em 1766, obtida licença régia cedeu á Irmandade a parte sul do referido Largo do Carrascal para formar junto da egreja uma *cerca* ou horta cujo rendimento se applicava em beneficio do culto da Senhora.

Do lado esquerdo da entrada da egreja encontra-se hoje um bonito jardim de pequenas dimensões, tendo á frente uma gradaria de ferro, plantado de formosos arbustos e diversas arvores de sombra, cheio de mimosas flores de variegadas côres de lindo effeito, ostentando quasi ao centro um pequeno tanque com repuxo, que é alimentado com os escorros da agua da Biquinha, fonte que não fica longe d'este local, por concessão que á dita Irmandade fez, em 1873, a Casa de Bragança e cuja agua se emprega na conveniente rega do jardim.

(*Continúa.*)

(1) Em 1792 ainda vinha no segundo domingo de setembro uma romagem de Evora-monte fazer lhe uma festa que hoje já não se faz.

(2) Em 1640 pertenceu este ferragial ao padre Antonio Cêpa Mergulhão, tio dos Silveiras, na pessoa de Estevam Mendes da Silveira, a quem tocou por herança em 1648.

O maior inimigo da humanidade foi aquelle que primeiro ousou dizer : Não existe Deus.

Pascal.

DEUS

Deus fez-se homem por amor dos homens, e os homens ousam arrostar com o poder de Deus por amor de si mesmos.

N. cola.
i

Les cieux instruisent la terre
A révérer leur Auteur :
Tout ce que leur globe encerre
Célèbre un Dieu Créateur.

Rosseau.

“Existe Deus?,”

“Deus não existe. Deus nunca existiu.
Quem afirma que ha Deus? - Quem foi que o viu?
— O atheu, o negro atheu, diz muita vez!
Mas o crente, com nobre intrepidez,
Lhe responde indignado: Deus existe,
Sempre existiu! — É a confirmá-lo insiste,

Clamando: Ha Deus, é certo.

Quem é que não vê Deus?! Elle está perto:

Acha-se o Creador vendo a creatura...

— Negar o *Eterno Ser*?! — Triste loucura!

Tudo o que o Mundo encerra teve auctor;

Não se vê producção sem productor...

A materia a si mesma, não se cria,

Isso nos mostra a sã Philosophia,

A elevada Razão.

Teve, pois, um auctor a Creação,

E esse auctor é Deus—Ente Infinito,

Que por Si proprio existe, como é dito

Na Sagrada Escripura, no Evangelho.

—Tudo o que nos rodeia é um claro espelho

Da existencia d'um Deus Omnipotente,

Que deu a Luz ao Mundo e a Ideia á gente.

—Revela Deus a muda Natureza

Com seu manto de gala, de beleza,

Em que o nosso pensar fica embebido!

E o gorgeio das aves, que ao ouvido

Nos traz grata harmonia, doce e calma!

De Deus nos falla a nossa propria alma,

Que é todo o nosso alento.

Falla de Deus o azul do Firmamento,

Mesmo ás tenras creanças innocentes,

Quando ao colo das mães palram contentes,

Vendo os astros da noite,—ignotos mundos...

Mostram nos Deus a Terra e Mar fecundos,

Que alimento nos dão farto e constante

Pelo calor e luz do Sol brilhante;

E o instincto das aves e animaes

Que em familia se juntam... e aos casaes!...

—Que ha Deus, se vê tambem no Santo amor

Com que o crente proclama o seu *Senhor*,

Ha tanto sec'lo!... e sempre com bons modos

Buscando conseguir que O amem todos!...

—Amor puro, sem zelos... ou ciume...

Nascido só da Fé, sagrado lume

Que o retrato do Ceu n'alma lhe imprime,

Deslumbrante, ideal, bello, sublime!

—Existe, pois, um Deus,

Auctor de tudo que ha na Terra e Céus,

Creador do finito e do infinito,

Como nos Livros Santos se acha escripto.

—Que ha Deus nos diz a nossa velha crença

Herdada já no berço, de nascença...

E aiviada depois na educação

Que os bons paes, desde a infancia, aos filhos dão.

—Que ha Deus o estão mostrando ao Mundo, ás gentes,

Os milagres de Lourdes que os descrentes

Chamam—*curas por simples suggestão*...

«*Effeitos de uma viva commoção*»!

—Occultando que fossem já por vezes

Curadas creancinhas só de mezes...

Não sujeitas, porisso a impressões taes,

Que phisicas não são, mas sim moraes...

—Mas houve esses milagres!—constatados

Por medicos distinctos, afamados,

Que não os refutavam porque os viam!...

—Milagres que os devotos applaudiam

Com louvores ferventes a Maria

E ao Sacrosanto Deus da Eucharistia,

Que vivo está no Altar.

Existe Deus: não ha que duvidar,

E tal affirmação salta dos labios

De convertidos homens, grandes sabios,

Que a nossa Religião já combateram,

Mas que, com fé, por fim, a engrandeceram!

—Que ha Deus, lembra-nos sempre intima voz!

—Ha Deus, que o crêram já nossos avós,

Por fé na Tradição.

—Ha Deus, di-lo a contínua conversão

De inumeros infieis ao Christianismo,

Buscando a Santa Igreja, o são Baptismo,

—Ha Deus, que veio ao Mundo, eu acredito,

E que seculos antes foi predito,

Com bem claros signaes, pelos Prophetas.

—Ha Deus: —que os bons, os santos e os ascétas,

Mesmo quando aos martyrios arrastados,

Louvam-no, ante os impios, assombrados,

Proclamando, com fé de firmes crentes,

Os milagres de Christo, tão patentes!

—Existe, sim, um Deus.—Sua Existencia

Se revela na propria consciencia

Do homem criminoso,

Que n'um desassocêgo angustioso,

Porque o remorso o traz atormentado,

A declarar-se réo se vê forçado,

Livrando, assim, das leis sempre inclementes,

Os supostos culpados,—innocentes!

—Ha Deus, a Igreja o diz, a Sacra Historia,

Que descendo do Céu—da *Eterna Gloria*,

Na Virgem Se incarnou e Homem surgiu,

Por bem da Humanidade que remiu!...

—Tudo revêla Deus. Só Deus não vê

Quem do espirito é cego, ou no Mal crê.

Carlos Vaz Pinto.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Cinzas

MEU amigo: Ainda uma pequena digressão pelo passado. D' *Utrecht* a *Münster* vae-se depressa. No tempo ido, das velhas caleças e das silhas de posta, a viagem seria um horror, e o meu curioso amigo, teria de munir-se d'um testamento e d'um bacamarte; encommendar-se a Deus e es-corvar as pistolas. Hoje, os expressos devoram as distancias e nós iremos ainda mais depressa porque viajaremos com commodidade e rapidez, no *Sud* alado da phantasia. A *Munster* pois.

Desde 1634 a politica internacional girava ao de-rredor d'essa guerra sangrenta, que em 30 dolorosos annos ensangentou, feriu, semeando pavor e morte. E longe vinham os pavores monstruosos dos *tanks* e dos aviões. A paz era uma aspiração com-mum, mas só em 1645, se fixam os preliminares d'um almejado tratado, e até 1648 os plenipotenciarios enredam e desenredam, em conferencias e reuniões em *Osmubruck* e *Munster*, onde n'esse anno se firma o protocollo final. E por isso lhe ficaram chamando o tratado de *Munster*.

Nós, lá estivemos tambem. Houve difficuldades é certo, para vencer a França que não nos queria ver no concurso famoso porque se recusava systematicamente a reco-nhecer a nossa independencia, conquistada heroicamente pela revolução restauradora mas vencemos afinal.

Este tratado foi decisivo na politica do mundo, porque afoutamente se pode asse-gurar que constitue o ponto de partida do direito das gentes e as bases solidas das relações internacionaes até 1879, pelo menos

As suas vantagens são innumeradas. Fundamenta-se o equilibrio politico e accentua-se o reconhecimento aos estados europeus, do direito de reunião da comunidade interna-cional. A paz firma-se em alicerces profundos. Portugal recebe mais uma prova da amizade gauleza, que muitas sempre foram as caricias perfidas d'essa nação, constante e sollicita em nos depreciar e nos ferir, desde *Munster* até á infamia protocollar da ilha dos Faizões ou á aventura desastrosa da barbara invasão. . . Mas voltemos ao tratado, que com elle alguma coisa lucramos afinal. Aos estados allemães reconheciam-lhe a sua autonomia porque a sua organização federativa permittia até ahi a ingerencia dos ou-tros paizes nos negocios internos d'Allemanha, e Portugal logra emfim, por parte das potencias europeas o reconhecimento da sua independencia, ao mesmo tempo que a Hespanha é relegada para um profundo isolamento politico, por obra e manha da Fran-ça e se liga á nossa nacionalidade n'um tratado d'amidade e de paz.

A Austria entra no declive. O seu poder deslumbrador, a sua força, os echos lon-ginquos do seu imperio magnifico apagam-se, dilluem-se, nas primeiras sombras da des-graça e a corôa dominadora do mundo, trava relações amargas com o revez, emquanto a França triunfa, esplende victoriosa vendo consagrar, pela voz discreta dos diplomatas, europeus, a sua supremacia internacional.

Evidentemente este tratado abre uma nova era ás relações reciprocas das nações do mundo e o já decantado equilibrio europeu, fica, pelo menos por largo tempo, for-temente assegurado.

Dividem-se as opiniões na critica do protocollo de *Münster* que me não proponho discutir, porque referindo-o, apenas procurei satisfazer a sua curiosidade, julgando de actualidade, n'este tragico momento de carnificina, em que já longe alvorecem os primei-ros clarões da paz, alludir a um tratado celebre que poz termo a uma das guerras mais sangrentas d'actualidade. E no entanto se a pudessemos comparar com a feira macabra que ha quatro annos quasi, revolve o mundo aquella lucta tenaz e horrorosa surgiria apoucada, nos seus horrores,—taes horrores na actualidade se commettem—como um in-cidente apenas d'uma batalha d'agora.

Oxalá que a paz que se firme, seja como a de *Munster* uma paz duradoira e be-nefica. E para terminar deixe-me já agora concretisar lhe rapidamente, as principaes de-terminações do protocollo.

Determinação das relações da igreja romana e da igreja protestante segundo o estado em que se encontravam em 1642; confirmação do tratado de *Os mubruck*; e

conhecimento da independencia de Portugal; autonomia da Suissa e dos Paizes Baixos; reconhecimento de independencia dos trezentos e cincoenta e cinco estados que compunham o imperio germanico; a França recebeu parte da Alsacia; a Suecia a Pomerania, e algumas cidades allemãs . . .

E ahi tem nas suas linhas geraes o tratado de Münster, onde Deus louvado, alguma coisa lucrámos, e alguma coisa o mundo lucrou. Estou e estarei com o poeta: *«quelque chose malheur est bon . . .»* Se a maxima servisse sempre?! . . .

PAUL BOURGET E M.^{ME} DE THÉBES

A TÊ ha muita pouco tempo — até á hora da sua morte — o *Almanach* de M.^{me} de Thébes era mais folheado do que o *Hachette* e o *Saragoçano* e podia considerar-se um successo mundial. A mulher caprichosa que vivia recatadamente em Paris com as suas rosas e os seus elephantes de marfim, dedicava-se ultimamente a lêr os destinos de cada um nas rugas da mão direita. Depois de ter adivinhado a morte de Pio X, o desaparecimento da Belgica, (embora por outra causa . . .) o conflicto europeu, com a deploravel *gaffe* da restauração em Portugal, M.^{me} de Thébes já cançada de desvendar segredos das chancellarias, passou a desvendar os segredos particulares. A sua clientella, numerosissima e rica, vinha-lhe da America e principalmente da Russia. Accusaram-na de ligações com o monge *Raspoutine*, em cujo tragico assassinato desempenhou um papel mysterioso a princeza Radzivil. Contam que o *tzar* da Bulgaria a visitou varias vezes. E ha até quem affirme a consulta de Guilherme II — uma tarde de 1911, em que o *Kaiser* lhe appareceu no orgulhoso uniforme dos *Couraceiros da Guarda*.

Sem o querer, talvez sem o presentir, M.^{me} de Thébes, que possuia num grau exuberante as melhores qualidades femininas, era um grande poder occulto. Litteratos e academicos visitavam-na frequentemente, desde que Alexandre Dumas Filho, estimando o seu valor, a protegera. Na sua *villa* retirada não se davam recepções, nem havia *chá das cinco*. Mas de longe em longe a quietude do seu jardim, onde a vidente scismava trazendo ao cóllo o animal favorito, soffria uma transformação instantanea, como um scenario de magica.

Vinham os escriptores, os poetas, os criticos, os mundanos. Fallava-se recatadamente — o recato de Paris! — dos pequenos escandalos e das ultimas novidades de livraria. Depois tudo debandava. O palacete recahia no silencio das coisas adormecidas — e M.^{me} de Thébes, com o elephante de marfim ao cóllo, afastava-se discretamente . . .

Ainda em 1911 — o enno funesto e cheio de apprehensões — Paul Bourget consentiu em estender á *buena dicha* a sua mão. A vidente sorriu, e fallou d'esta maneira:

«Evidemment, au premier coup d'œil cette main décèle un imagitatif. Le petit doigt se détache, s'allonge, s'envole . . . Mais oui, s'envole. Ce petit doigt n'est pas seulement celui d'un romancier quelconque, c'est aussi celui d'un romancier philosophe et chrétien. Ce n'est pas un petit doigt ordinaire, c'est une flèche de clocher. Il command à toute la main, ses voisins peuvent paraître le dominer. Ce n'est qu'une apparence. Ils ne sont qu'à leur taille normale. Lui seul est plus grand que nature. C'est vraiment le chef de cette main — de cette âme. Dans son ensemble, la main contraste avec la figure et le corps du sujet. Elle est plus fine, plus sensible, plus intuitive qu'on ne l'aurait d'abord supposé à voir l'homme. Elle révèle son effort sur lui-même, sa volonté de s'affirmer par l'effet d'une ambition et d'aspirations nobles qui viennent d'une sève intérieure, d'une flamme secrète. Mystère d'atavisme et de prédestination. Les doigts son coniques, les mamelons dessinés. C'est vraiment une main d'artiste, mais d'artiste qui s'est fait lui-même et qui a beaucoup lutté. On y lit des choses cachées. M. Bourget a infiniment de mérite à être devenu l'homme qu'il est.»

Como vêem, M.^{me} de Thébes não era uma mulher vulgar.

MANUEL SEMBLANO.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registro, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia

devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY.**

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA